

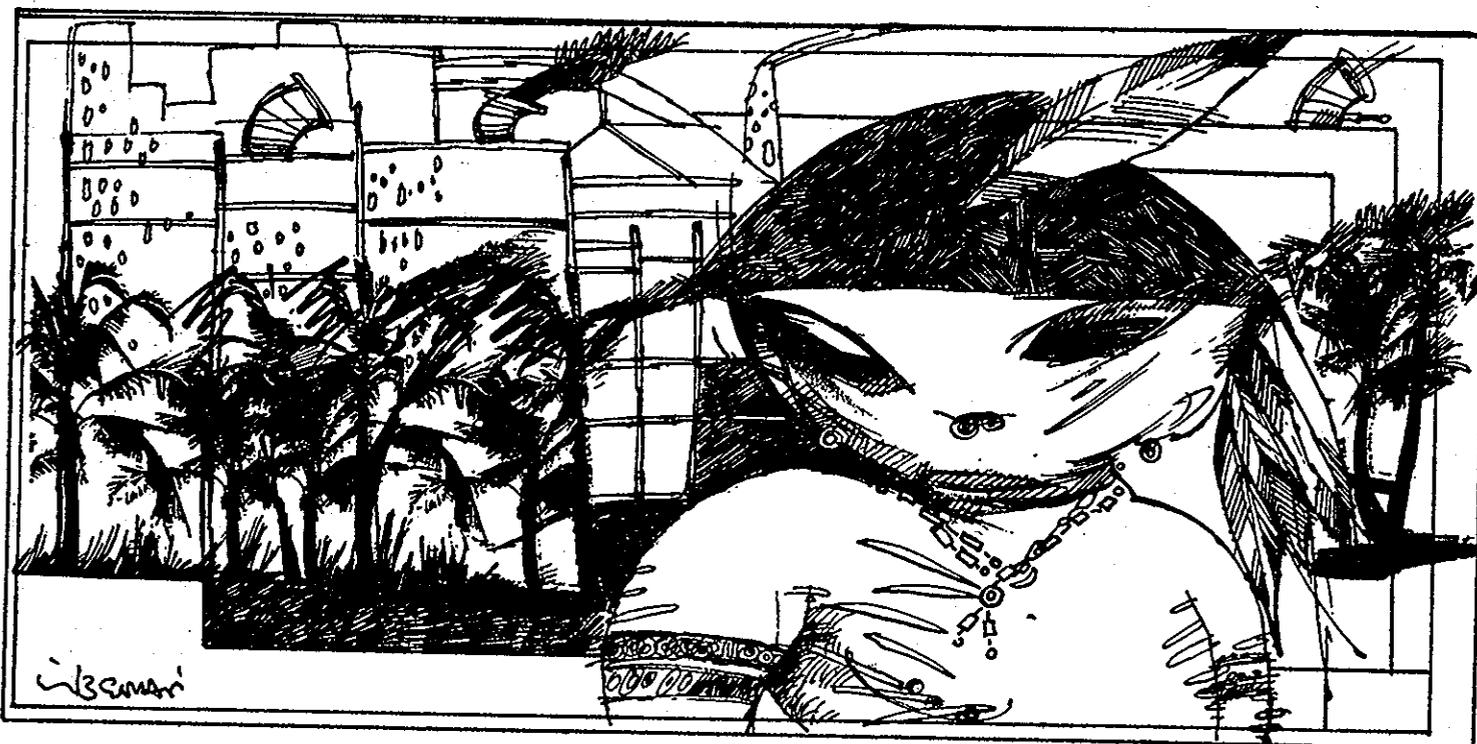
# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Antropólogos

Data: 16/11/92

Pg.: 11 110



## O índio e a modernidade

BERTA G. RIBEIRO \*

Uma pretensa modernidade vem sendo imposta aos países do Terceiro Mundo desde o início da colonização. Mas ao invés de encurtar a distância entre o "atraso" e o progresso" aumenta o fosso que medeia entre os países cêntricos e os periféricos, que não conseguem alcançar seu padrão industrial e energético.

Nesse quadro erige-se a questão ecológica. Não se trata apenas de restabelecer a harmonia entre homem e natureza. Trata-se de resgatar a dignidade cidadã, cerzindo o tecido roto da solidariedade humana. Trata-se, ainda, de frear o flagelo da inadimplência e da desesperança que se abate sobre o Terceiro Mundo e ameaça a degradação do meio ambiente; e de estancar o consumismo obsessivo do Primeiro Mundo, que está causando a exaustão dos recursos naturais, a poluição do ar e da água, o aquecimento da biosfera.

Nosso subdesenvolvimento não se situa no que seria, aparentemente, a ignorância do homem comum. Embora pobre, o camponês tradicional — e antes dele, o índio — sabia construir sua casa, cuidar da saúde e prover sua subsistência de maneira auto-suficiente. O subdesenvolvimento se espelha no descabro das nossas megalópoles, assoladas pela criminalidade e a orfandade social, que representam o pólo deteriorado do desenvolvimento dependente. A prosseguir nesse rumo, jamais alcançaremos uma prosperidade generalizável a toda a população e as conquistas tecnológicas ficarão restritas, como até agora, ao desfrute de uma minoria.

Vejamos, olhando para o passado, quais são as lições que a cultura indígena nos tem a dar. A mais importante, em nossos dias, é a conservação da diversidade biológica, que está sendo destruída por não reconhecer-se nela potencialidade econômica. Sua preservação só estará garantida quando os poderes públicos forem convencidos de que a melhoria das sementes que usamos para a alimentação, os novos medicamentos e novas matérias-primas manufatureiras dependem da biodiversidade. E que ela depende da conservação de ecossistemas específicos onde interagem solo, clima, sistema hídrico, flora, fauna e o homem. As áreas em que a integridade

do meio ambiente é pouco perturbada e naturalmente refeita são aquelas habitadas pelas populações aborígenes.

A segunda lição dos povos tribais é a concepção de que os recursos do solo e das águas do território que habitam são comuns a todos e, portanto, acessíveis aos que deles necessitam. A terra e seus frutos, a água, são apropriadas mediante o trabalho. Delas se extraem produtos para o auto-sustento e excedentes para trocas. O sistema de trabalho é organizado de modo a haver cooperação para as tarefas mais exigentes que pedem a conjugação de esforços de maior número de pessoas.

Tal como o acesso aos recursos naturais, aberto à coletividade, o conhecimento acumulado por gerações para manejá-los é igualmente acessível a todos. Isso diz respeito, também, a outro tipo de conhecimento, como as técnicas artesanais, as artes plásticas, gráficas, música, literatura e religião. Cada indivíduo exerce essas atividades segundo seu sexo, idade, gosto, tendência e capacidade. O conjunto dos bens utilitários e simbólicos, assim criados, bem como o saber que os informa, constitui, ao lado da língua, a marca identificadora do grupo. E o emblema tribal registrado, muitas vezes, na própria pele, no corte de cabelo, nas mutilações faciais, conferindo ao universo cultural indígena uma homogeneidade visual que milita em favor da identidade étnica.

As práticas agrícolas indígenas — terceira lição que têm a nos oferecer — continuam sendo um modelo para o uso da terra, sobretudo na Amazônia. Abatem uma pequena parcela, geralmente um hectare por ano, em torno do qual deixam um corredor ecológico. As sementes trazidas por aves e insetos refazem a mata primária que torna a ser abatida passados 20 ou 25 anos. O consórcio de várias espécies de diferentes alturas plantadas nas roças impede que o impacto da chuva e o sol abrasador erodam e compactem o solo.

As outras vantagens que apresenta a agricultura itinerante são: 1) não erradicando toda a vegetação, mantém a estrutura e a fertilidade inorgânica do solo; 2) minimiza o espaço e o tempo de exposição do solo ao sol e às intempéries, impedindo a perda da permeabilidade e a volatilização dos nu-

trientes; 3) imita a floresta natural mediante a policultura, impedindo a propagação de pragas e a competição das plantas pelos mesmos nutrientes; 4) a queima em pequena escala produz cinza e carvão que fertilizam a terra devolvendo nutrientes para alimentar os brotos.

Outra lição dada pelos índios é a dispersão dos campos de cultivo e das próprias aldeias. Com isso, evitam a depredação dos recursos da floresta, conservando refúgios ecológicos de biomassa que constituem bancos naturais de germoplasma. A biodiversidade, segundo os ecólogos, não resulta apenas das forças naturais mas também das atividades agrícolas de sociedades aborígenes. Trata-se de um fenômeno biocultural, produzido por milhares de anos de interação entre povos indígenas e seus ambientes.

Ao contrário da ótica ocidental de que o homem é a medida de todas as coisas, devendo a natureza sujeitar-se a seus desígnios, na visão indígena o homem é parte de sistemas supra-individuais que transcendem nossas vidas. Para se ter uma certa qualidade de vida é preciso deixar vingar, segundo suas necessidades específicas, todas as formas de vida.

Tratando do México indígena, cuja cultura foi ignorada e negada pela dominação colonial e pelos projetos subsequentes de organização da vida nacional, Guillermo Bonfil Batalla argumenta que, para formular um projeto de nação, seria preciso:

"(...) incorporar como capital ativo o patrimônio dos mexicanos que herdamos: não só os recursos naturais como também as diversas formas de entendê-los e aproveitá-los através dos conhecimentos e tecnologias que são a herança histórica dos povos que compõem a nação; não só a força de trabalho individual de milhões de compatriotas como também as formas de organização para a produção e o consumo, que persistem no México profundo e que tornaram possível sua sobrevivência".

Em momentos de crise, como a que atravessamos, reaviva-se na América Latina a reflexão sobre a quem serviu e a quem continuará servindo a "modernidade". E se verifica: o que pareceria arcaico é na verdade progressista e o que parece ser moderno é de fato retrógrado.